

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O USO DE HQs COMO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROMOÇÃO PARA A INCLUSÃO

Maria Jucirleide Afonso Henriques de Paiva
Universidade Federal de Campina Grande
cileide_afonso@hotmail.com

Nayara Maíla Henrique da Silva
Universidade Federal de Campina Grande
nayaramaila8@gmail.com

Natália Pereira da Silva
Universidade Federal de Campina Grande
nataliapereiracz@hotmail.com

Valquiria Alves da Costa
Universidade Federal de Campina Grande
valquiria.adacosta@gmail.com

RESUMO

O presente artigo traz o resultado do projeto de Contação de histórias e a utilização de HQ's como uma metodologia diferenciada para se trabalhar a leitura na Educação Infantil, realizado pelos discentes do curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* de Cajazeiras/PB, durante a disciplina de Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil I e II, no período 2017.1 e 2017.2. O tema escolhido para ser abordado na revista em quadrinho foi a inclusão, com o objetivo de promover a conscientização de crianças sobre a necessidade de realizar a inclusão no âmbito escolar, através da leitura, da contação de histórias e da elaboração de revistas pelos discentes do curso de Pedagogia e por crianças, estudantes da educação básica de quatro escolas públicas na cidade de Cajazeiras/PB que participaram do projeto. Buscamos promover o debate e a reflexão acerca dos processos de inclusão que ocorrem ou não na Educação Infantil em escolas e demais instituições de ensino. Por fim, vimos que as crianças se envolveram na atividade, contando suas próprias histórias nas revistas confeccionadas por cada uma, o que nos causou contentamento por perceber que a leitura e a elaboração de revistas em quadrinhos podem nos oportunizar o trabalho com diferentes habilidades em sala de aula, considerando os diferentes aspectos: afetivo, cognitivo e motor.

Palavras-chave: Inclusão, Contação de histórias, Revista em quadrinho, Educação Infantil.

Introdução

O Projeto de Contação de Histórias e Elaboração de Revistas em Quadrinhos faz parte do processo avaliativo da disciplina Fundamentos e Metodologias da Educação Infantil II, no curso de Pedagogia da UFCG/CFP, e tem uma carga horária de 90h distribuída em duas aulas semanais. Este projeto tem como principal objetivo contribuir com o processo de ensino-

aprendizagem de crianças da Educação Infantil, visto que o incentivo a leitura é uma das grandes dificuldades enfrentadas pelas escolas quando se trata de criar, nas crianças, o hábito de ler. Como tema do projeto e construção da revista escolhemos a inclusão, este que um desafio constante para a educação escolar na contemporaneidade. Podemos enfatizar que a inclusão apresenta-se, para a sociedade, como um convite desafiador, juntando-se a outros aspectos como: a erradicação do analfabetismo e da evasão escolar, sendo sempre pertinente o seu debate para a reflexão e ação em direção a superação ou a minimizarmos os efeitos negativos que a falta de entendimento nessa área nos fazem passar.

A criação e elaboração da revista em quadrinhos nos trouxe um melhor entendimento da importância deste método que é de baixo custo e oferece diversos benefícios para a criança, pois ao trabalhar a revista temos diferentes experiências que resultam em uma melhor formação integral, um novo aprendizado e exercita a imaginação, a coordenação motora, a interpretação do mundo através da construção das histórias, a percepção de si e do outro como ser único e individual e sua interação social através da partilha de saberes e vivências.

Por todo o exposto fica evidente a importância da contação de histórias como recurso pedagógico para auxiliar o letramento e a alfabetização de crianças que vivem em lares, muitas vezes, rodeadas de pessoas que não sabem ler, mas este recurso pode ser vivenciado por qualquer indivíduo, independentemente de sua idade.

Juntamente com a contação de histórias trazemos a inclusão escolar para ser pensada e debatida, visando à reflexão sobre nossos direitos, deveres e obrigações como indivíduos parte da sociedade, e por isso capazes de transformá-la para incluir a todos, sem preconceitos ou discriminação, esta é a nossa responsabilidade como cidadãos e trabalhar com essa metodologia nos fez repensar as práticas pedagógicas voltadas para a infância.

Sendo a inclusão um desafio para o século XXI sabemos que é de extrema urgência que esta seja pensada no âmbito acadêmico, durante a formação do discente como futuro docente, pois são inúmeras as barreiras do pensamento em relação a como incluir as crianças que tem algum tipo de deficiência ou limitações seja de ordem cognitiva, motora ou física em salas de aula, conhecidas como regular.

Principiando a dificuldade que é pensar a inclusão como algo natural e como um direito de todos, o que já se mostra como um empecilho para a promoção de práticas inclusivas, vemos que este é um elemento muito novo que, ainda, causa estranheza, medo e desconcertos para todos, pois fomos (des)educados a não aceitar o outro com suas diferenças, criando uma sociedade que discrimina e que afasta o outro se ele tiver algum tipo de

limitação. Desse modo, vimos mediante as leituras realizadas que este é um mal que atinge a todos, especificamente pela falta de conhecimento, mas podemos afirmar que precisamos criar o hábito de pensar a educação para incluir as pessoas nesse espaço.

A revista em quadrinhos como ferramenta para promover a inclusão social tem um potencial significativo, pois esta é acessível e o mais importante, é muito atraente aos olhos das crianças, sendo para muitos o primeiro contato com a literatura, pois mesmo quando a criança, ainda, não sabe ler, consegue interpretar as figuras fazendo uma primeira leitura do texto e assim nasce o interesse pelo mundo das letras. Esse é um momento singular para trabalhar a temática da inclusão com a criança para que esta não se torne um adulto excludente, perpetuando esse cenário que vivenciamos hoje tão claramente.

Muitos são os teóricos que discutem esses temas, para nos auxiliar na construção desse artigo, pois fomos buscar embasamentos em Souza (2011), Bernardinho (2011), Sanches (2011), Galvão Filho (2005), Damasceno (2005), Santos (2011), Ganzarolli (2011), Souza (2014), Straub (2014), dentre outros que nos auxiliaram a pensar a inclusão e a construção de revistas em quadrinhos, a partir de outro olhar.

Almejamos com este trabalho contribuir para a melhoria da educação no tocante ao ensino-aprendizagem e contribuirmos, também, para a promoção da inclusão de modo a ajudar na formação de indivíduos conscientes, reflexivos e que seja a mudança na sua comunidade, superando este desafio que é a inclusão social/escolar.

É possível afirmarmos que a construção da revista em quadrinhos passa por todos os estágios do letramento, desde a escolha do tema, a escrita, os desenhos, o que nos permite a expressão de nossos pensamentos e sentimentos, até a exposição para todos da escola, essa ferramenta metodológica alcança uma interação social significativa para o desenvolvimento sócio afetivo das crianças, estimulando o prazer pela leitura e a curiosidade com a literatura de forma geral.

Desse modo, para a elaboração desse trabalho temos como objetivos: Refletir sobre a importância das revistas em quadrinhos na prática da inclusão; considerar direitos, ações e atitudes para a inclusão na Educação Infantil; ampliar a percepção sobre a igualdade de direitos e deveres de cada um, perante as diferenças e, por último, discutir como ocorre a inclusão na Educação Infantil.

Metodologia

A oficina pedagógica foi uma atividade, requisito avaliativo da disciplina Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil I e II, sob a orientação da Professora Dr^a Zildene Francisca Pereira, com carga horária de 90h/a vivenciadas no período de 2017.1 e 2017.2 quando, ainda, cursávamos o 4º período, dando continuidade no 5º, no Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* de Cajazeiras/PB.

Tivemos reflexões voltadas para a Educação Infantil a partir das seguintes discussões: história da Educação Infantil brasileira; legislação; práticas institucionais; o trabalho docente; práticas pedagógicas; reconceitualizando a infância, criança e os profissionais que trabalham com essa faixa etária. Partimos, também, para as reflexões voltadas para o brincar na Educação Infantil; saberes e tempo; diversidade étnico-racial; inclusão de crianças com necessidades educativas especiais; ideias e práticas vivenciadas com crianças na creche e pré-escolas.

O tema da revista estava interligado ao seminário apresentado em sala de aula e os integrantes do grupo foram escolhidos mediante afinidades. Tivemos, ainda, uma oficina de elaboração de revistas em quadrinhos distribuída em cinco momentos: no primeiro criamos as ilustrações, construímos o diálogo; no segundo momento trabalhamos o tema, os objetivos, a justificativa e a metodologia; no terceiro, trabalhamos na escrita do referencial teórico; no quarto, apresentamos a leitura da revista em quadrinhos para crianças em quatro escolas públicas da cidade de Cajazeiras, sendo três escolas estaduais e uma municipal.

Realizamos uma oficina pedagógica nas escolas escolhidas intitulada: Elaboração de revistas em quadrinhos: novas metodologias para pensar o processo de ensino-aprendizagem, a partir da confecção de revistas pelas crianças que contaram suas histórias de vida e suas experiências na escola. Logo em seguida, apresentamos as revistas em quadrinhos em sala de aula, socializando o conteúdo, as ilustrações, bem como as produções das crianças.

A contação de histórias em quadrinhos como prática para se pensar a inclusão

Com a crescente presença do contador de histórias em espaços escolares, em bibliotecas, bem como em espaços informais, podemos observar que tem existido o resgate do costume popular de contar histórias, que antes era tido como uma forma de entretenimento

para as crianças de classes desprivilegiadas e, ainda, hoje em algumas escolas é uma forma de entreter ou avaliar de maneira quantitativa a oralidade da criança. Assim, podemos enfatizar que,

Na antiguidade a contação oral de histórias era vista sob um olhar inferior à escrita, apesar disso os povos se reuniam ao redor da fogueira e contavam suas lendas e contos, disseminando a sua cultura e os seus costumes; reunir-se para ouvir histórias era uma atividade dos simplórios (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 236).

Porém, o momento de contar histórias ganhou importância no âmbito didático, como uma forma de desenvolver a linguagem oral e a escrita das crianças de maneira prazerosa para que possam desenvolver o hábito da leitura, para isso é posto no momento da contação de histórias uma preparação antecipada para que a criança possa aproveitar aquele momento da melhor forma. Tanto o contador, quanto o lugar, deve estar preparado, antecipadamente, e deve ser um espaço lúdico que aguace a curiosidade e desenvolva a imaginação da criança, deixando-a tranquila, livre para recontar e criar um final diferente da que foi contada para que através dessa liberdade haja o prazer pela leitura e estímulo a imaginação. Desse modo,

A leitura de histórias para criança é fundamental para que a mesma possa apropriar-se de um imaginário social, enriquecer seu vocabulário, e aprimorar suas formas de interpretação. A vivência desde muito cedo com livros, leituras faz com que a criança tome deste exercício de leitura como parte da sua rotina, tornando-se um adulto crítico, um adulto que saiba interpretar um texto corretamente e com um vocabulário amplo (SOUZA; STRAUB, 2014, p. 123).

Neste sentido, a contação de histórias quando é ministrada de maneira que a criança sinta prazer pelo momento e que fique a vontade para exercer sua criatividade de forma livre e que instigue a leitura é possível trabalhar com as crianças a sua personalidade, valores, conceitos, afetividade, cultura, respeito as diferenças, a escrita e a oralidade de forma lúdica, excluindo metodologias que visam somente a avaliação/notas, o que tem, por consequência o fracasso escolar e o distanciamento da criança com o hábito de ler.

No que se refere a proximidade da criança com o mundo da leitura e da contação de histórias, de forma lúdica e prazerosa, esta torna-se uma estratégia educacional eficaz para trabalhar a cognição e a socialização, permitindo ao professor uma maior facilidade na abordagem de conteúdos que contribuirão para seu desenvolvimento de maneira efetiva melhorando a prática do professor e atuação na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do

Ensino Fundamental, pois através das histórias a imaginação é estimulada assim como a escrita, a maneira de se comportar e de falar e conhecer novas culturas e costumes, ou seja, proporciona para a criança grandes descobertas de maneira divertida.

A metodologia da contação de histórias é estimulante e grandiosa para as séries iniciais, observando a linguagem e a abordagem da narrativa a criança amplia seu vocabulário, desenvolve seu raciocínio lógico, conceitos morais, éticos e afetivos, é dessa forma que ela passa a compreender a história. Através da escuta da história a criança tem a sua imaginação/criatividade despertada e de acordo com o tema pode ocorrer uma identificação com os personagens da história. Podemos dizer que,

[...] relação da escuta da leitura pela criança é afetiva. Este sentimento se manifesta pela identificação com a história, com os temas tratados e com os personagens; esta identificação consiste em afirmar a sua personalidade graças ao livro, formulando parâmetros de julgamentos éticos com relação aos personagens e de experiências e questionamentos pessoais. Sendo assim a escuta de histórias tem um caráter formador ou ético (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 240).

Consequentemente as crianças que crescem e se desenvolvem com o hábito da leitura e que tem contato com os livros tem, nessa relação, uma fonte positiva que poderá contribuir com a sua formação, tornando-as adultas com um pensamento crítico e ético, que gostam de ler, escrever e que sabem se posicionar diante dos fatos sociais.

A contação de histórias é o primeiro contato efetivo da criança com a literatura em geral, pois muitas mães leem para seus bebês enquanto estes, ainda, estão dentro do útero e mais frequentemente nos primeiros dias de vida, levando em consideração que a única competência que a criança precisa para vivenciar este momento é a capacidade de ouvir na fase intrauterina e recém-nascida e, nos primeiros anos da Educação Infantil, a contação de histórias já mostra seu potencial como uma metodologia que incentiva à leitura (OLIVEIRA; BERNARDINO, 2011).

A leitura como prática pedagógica que visa educar para a inclusão tem excelente potencial, assim como vem sendo feito desde os tempos remotos, quando vimos que a contação de histórias é uma forma de repassar valores, passar ensinamentos e perpetuar tradições, fazendo com que as novas gerações mantenham o legado de seus antepassados, esses fatores tornam interessante para o professor a contação de histórias como forma de apresentar para seus alunos o exercício da inclusão como uma atitude a ser praticada e preservada fazendo com que os mesmos formem seus próprios conceitos a respeito da

inclusão, através da reflexão sobre a temática e a tomada de consciência de que incluir é preciso e natural, pois somos parte da sociedade e temos como cidadãos direito a usufruir de seus espaços e construir em conjunto a comunidade em que vivemos e o dever de assegurar que todos sem nenhuma exceção tenha esse direito garantido e possa exercê-lo. Assim,

Viver e prender com seus pares, na sua comunidade, incluindo a escola do seu bairro, é ter acesso a uma Educação inclusiva. Falar de Educação inclusiva é falar em equidade, diversidade física, intelectual, étnica, cultural ou religiosa, direitos e também deveres, e romper com as barreiras impostas pela utopia de alcançar a homogeneidade, a normalização, o ‘homem/o aluno médio’. SANCHES(2011, p. 137).

Com o intuito de aproximar a sociedade e de melhorar a educação e, principalmente, diminuir a taxa de crianças fora da escola (analfabetismo) a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) idealizou conferências e elaborou metas mundiais e princípios, assegurando o direito do cidadão a educação, sendo ela universal sem disparidades de classes, de gênero, étnicas, e inclusiva. Respeitando a diversidade de cada indivíduo. “Em 1990, como ação primeira, a UNESCO realizou a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, que estabeleceu seis metas mundiais para educação.” (ABENHAIM, 2005, p. 40).

De fato tudo que veio para corroborar com a educação foi importante, mas não o suficiente, pois a educação para todos infelizmente não é fornecida como é dita, sendo apenas meros objetivos. A educação continua sendo um dos grandes desafios enfrentados na sociedade brasileira principalmente o ensino inclusivo nas escolas da rede pública, não é difícil vermos nos meios de comunicações (Televisão, redes sociais e rádios) o preconceito, a falta de respeito com a diversidade do outro, a falta de compromisso do Estado para com o indivíduo com necessidades especiais, o direito que não é respeitado, mas “Apesar de todo esforço pela inclusão, ainda percebemos que permanece o discurso da integração que não é o mesmo que inclusão” (ABENHAIM, 2005, p. 44).

Podemos dizer que os meios de comunicação querem implantar a ideia de que há inclusão, que a diversidade é respeitada e que não há distinção entre os indivíduos, que temos direitos iguais, mas infelizmente não é verdade, o fato de um aluno com necessidades educativas especiais fazer parte de uma escola não quer dizer absolutamente nada, se as mesmas não estão adaptadas para recebê-lo. Não há uma capacitação do profissional de ensino para acompanhar esses discentes, existe inclusão, excluindo, pois as nossas instituições não estão preparadas para incluir.

A escola como está estruturada não foi feita para incluir, pelo contrário, desde sua fundação ela funciona como instituição para segregação e manutenção de posições sociais e “*statu quo*” da sociedade dominante, impedindo, muitas vezes, o acesso das pessoas de classes sociais menos privilegiadas e pessoas com deficiências a educação, e principalmente a uma educação de qualidade.

Mas o porquê de tantos retrocessos na educação brasileira? De tanta desqualificação se as leis asseguram a todos o direito à educação? Onde encontramos as respostas? Infelizmente essa é uma realidade das escolas brasileiras que vemos em discursos e que até mesmo presenciamos quando visitamos algumas escolas devido atividades extracurriculares no Curso de Pedagogia. Essa realidade afeta diretamente as classes desfavorecidas, com um ensino deficitário que gera o desinteresse do aluno, e a evasão escolar.

Sendo assim, faz-se necessário que a cada dia trabalhemos a inclusão na nossa sociedade, no nosso bairro, na nossa casa, na nossa escola, na nossa cidade, e desse modo, através da educação inclusiva é possível alcançar as metas posta pela UNESCO ainda em 1990 e que, infelizmente, até hoje não foram plenamente alcançadas.

É possível se fazer uma escola inclusiva, porém para isso é preciso que se quebre as barreiras do preconceito, de pensar sempre o que o outro não pode oferecer, e começar a enxergar o outro como um sujeito capaz. Assim, temos que “[...] encontrar as melhores formas de responder à diversidade, a viver e a aprender com a diferença, encarando como um desafio e uma mais-valia à vida em comunidade e a resolução dos seus problemas” (SANCHES, 2011, p. 137).

Considerações Finais

Objetivando trabalhar a inclusão em sala de aula, através da contação de histórias é que foi elaborado e executado o projeto e confeccionamos a revista de maneira lúdica, que chamasse a atenção da criança para que se sentissem convidadas a ler. O projeto consistiu na criação e elaboração de uma revista em quadrinhos com o tema da inclusão e foi escolhido pela equipe.

A revista foi toda desenhada e pintada manualmente, contou a história de uma criança surda que começa seu primeiro dia de aula em uma escola regular. Na turma onde esta criança será recebida já estuda uma criança cega e ela conta também com uma diversidade de crianças de sexos e etnia diferentes. A revista foi escrita em português e em braile, para abranger

também as pessoas com deficiência visual (cegos e pessoas com baixa visão), no decorrer da história criada por nossa equipe o menino surdo ensina a seus colegas palavras em libras e é discutido o respeito e o direito de todos levando em consideração suas deficiências e limitações.

O projeto contemplou 4 escolas públicas na cidade de Cajazeiras-PB sendo 3 escolas estaduais e 1 escola municipal, em todas elas o índice de crianças com dificuldades na leitura e escrita e relevante, muitas delas estão em situação precária de funcionamento com seu espaço físico em péssimas condições, com salas pequenas, de paredes sujas e com pouca ventilação e iluminação, em outras a estrutura é muito boa, contando com amplas salas climatizadas, boas carteiras e boas condições de funcionamento, disparidades encontradas em uma pequena cidade de pouco mais de 60 mil habitantes.

Todas as escolas que participaram do projeto atendem a população mais carente da cidade, levamos as revistas para serem lidas para crianças do 1ª ao 5ª ano do Ensino Fundamental, e essas também construíram suas próprias revistas, com as histórias e desenhos criados por elas com o auxílio dos discentes de Pedagogia, todas as crianças mostraram-se alegres com a nossa visita e a atenção dispensada a elas, dessa experiência saíram muitas histórias que demonstram a expressividade das mesmas a partir do desenho e das criações ortográficas, muitas retrataram a si mesmas o que emocionou a todos.

As crianças demonstraram bastante cordialidade com o tema inclusão, a escrita em braille e os sinais em libras lhes chamou muito atenção. Através desse projeto trabalhamos a temática da inclusão com a contação de histórias e vimos como elas aceitam facilmente e com naturalidade as diferenças do outro, temos, porém, que reforçar nelas a importância de incluir para alcançar uma sociedade mais justa e que proporcione oportunidades iguais para todos.

A contação de histórias em quadrinhos trabalhada de maneira lúdica, aguçando a imaginação e a criatividade da criança de forma autônoma, é de grande importância para o desenvolvimento, psíquico, cognitivo, social e afetivo, de maneira que a criança possa através de uma história que tenha escutado ou lido, construir/modificar de forma crítica seu comportamento e sua forma de falar, se tornando uma criança/adulto consciente, crítico e ético. Portanto, o objetivo e a importância das histórias em quadrinhos vai além de desenvolver somente a oralidade e a escrita, pois desperta ao mesmo tempo o prazer pela leitura e o senso de justiça enquanto objeto de ensino-aprendizagem.

Observar as crianças diante da escuta das histórias e presenciar suas reações, tendo em vista o estímulo da criatividade e da imaginação através da abertura de espaço para que

construísem suas próprias revistas e contassem suas próprias histórias nos levou a constatação de tudo o que já foi manifestado.

Portanto, apesar da realidade que nos deparamos com algumas crianças que não sabiam ler, conseguimos desenvolver e chegar ao objetivo inicial, pois as crianças que não sabiam ler conseguiram acompanhar as histórias através da escuta da leitura e até mesmo dos desenhos, com isso cumprimos com o que nos foi proposto, conscientizar e levar a importância da inclusão e respeito às diferenças para a sala de aula, lugar onde se deve sempre semear o respeito ao próximo e a si em prol de uma sociedade com equidade, onde aqueles que tenham alguma deficiência cognitiva, física ou motora sintam-se parte dela.

Com isso, podemos enfatizar que o objetivo principal do nosso projeto foi atingido com êxito mostrando que a educação inclusiva passa pela ludicidade, planejamento, respeito, pesquisa e ação de todos que desejam promovê-la e que é possível promover a inclusão através de metodologias que levam a reflexão e a conscientização de crianças e adultos.

REFERÊNCIAS

- ABENHAIM, E. **Os caminhos da inclusão: breve histórico.** In: MACHADO, A. M. et al. (Org). *Psicologia e Direitos Humanos: Educação Inclusiva, direitos humanos na escola.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 39-53.
- GALVÃO FILHO, Teófilo Alves; DAMASCENO, Luciana Lopes. **Tecnologias Assistivas para autonomia do aluno com necessidades educacionais especiais.** Inclusão : Revista da Educação Especial v.1, n.1.- Brasília : Secretaria de Educação Especial, 2005- ISSN 1808-8899.
- SANCHES, Isabel. **Do ‘aprender para fazer’ ao ‘aprender fazendo’:** as práticas de Educação inclusiva na escola. *Revista Lusófona de Educação*, 19, 135-156.
- SANTOS, Mariana Oliveira dos; GANZAROLLI, Maria Emilia. **Histórias em quadrinhos: formando leitores.** *TransInformação*, Campinas, 23(1):63-75, jan./abr., 2011.
- SANTOS; Mariana Oliveira dos. **Formação de leitores: um estudo sobre as histórias em quadrinhos.** *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v.15, n.2, p. 05-23, jul./dez., 2010.
- SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental.** *Revista de Educação – Educere et Educare.* Vol. 6 nº 12 Jul./dez 2011. p. 235-249. ISSN 1809-5208. UNI OESTE CAMPUS DE CASCAVEL/PR.
- SOUSA, Franciele Ribeiro de; STRAUB, Sandra Luzia Wrobel. **A arte de contar histórias na educação infantil.** *Revista Eventos Pedagógicos* v.5, n.2 (11. ed.), número regular, p. 122 - 131, jun./jul. 2014.